

**FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVE DA AMAZÔNIA
FADESA**

SAMLA TAYNARA ALENCAR LIMA

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA**

**PARAUPEBAS- PA
2022**

SAMLA TAYNARA ALENCAR LIMA

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao do Curso Enfermagem da Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Kályta Andrely Barbosa Nascimento Pereira

**PARAUPEBAS- PA
2022**

SAMLA TAYNARA ALENCAR LIMA

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao do Curso Enfermagem da Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

AVALIADO EM: 21 de Janeiro de 2022

APROVADA: _____ de _____ 2022.

Profº. Msc. Fabrício Bezerra Eleres
(FADESA)

Profa. Dra. Danielle Santos Miranda
(FADESA)

Profa. Kályta Andrely Barbosa Nascimento Pereira
(Orientador - FADESA)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente ao meu Senhor Jesus Cristo que sempre me deu sabedoria para vencer cada etapa e dedico a minha família que é minha base e meu alicerce.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, por me permitir ultrapassar todos os obstáculos, pelo teu amor que mesmo eu não merecendo em todo tempo o Senhor esteve presente me fazendo crescer. Eu te agradeço, Deus porque você não se esqueceu de mim e por sempre insistir em mim e aonde eu for irei levar o teu nome, obrigada meu Deus por não me deixar morrer e nem desanimar, a honra, a glória, a força e todo louvor a para Ti meu Pai. Eu não poderia iniciar os meus agradecimentos sem ser para Ele, pois Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Agradeço ao meu marido Aryson Lucas por ser meu companheiro de vida a quem eu compartilho tudo, obrigada por aguentar todos os meus estresses nessa jornada, pela sua paciência e por todas as palavras de incentivo que por muitas vezes alegraram o meu dia, por várias vezes você sacrificou os seus sonhos para viver os meus, muito obrigada meu amor. À minha mãe Maria Nazaré Alencar Lima que sempre foi minha maior incentivadora, ajudadora, conselheira, intercessora e que muitas vezes me ajudou financeiramente. Você minha mãe, minha rainha por me apoiar incondicionalmente sem medir esforços estava sempre ali para me ajudar, sou uma eterna devedora de tudo que você fez e faz por mim. Ao meu pai José Izaias de Lima (in memoriam) que desde de quando eu era criança me incentivava nos meus estudos, era um pai orgulhoso e hoje pai eu tenho certeza que você estaria cheio de orgulho e seria a primeira pessoa a me ajudar a fazer o meu TCC, pois você era especialista nisso, eu nunca vou esquecer que você iria renunciar o seu cargo de direção pra eu não perder o meu emprego porque você sabia que se eu estivesse desempregada eu não teria como pagar minha faculdade, ah pai como você me faz falta, te amo eternamente meu pai meu herói. Agradeço aos meus irmãos Haully, Gorett, Leticia, Welbert, Walter, Raquel, Sabine, Shara e minha sobrinha Débora que contribuíram para a concretização dessa etapa da minha vida, vocês foram essenciais nessa jornada. Aos professores que fizeram parte da minha caminhada nesses 5 anos, minha orientadora Kályta com sua paciência e ajuda, á você Suany que me ajudou com seu conhecimento e sua paciência, agradeço aos meus colegas de turma que me acompanharam durante essa jornada e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização dessa etapa da minha vida.

“As crianças especiais, assim como as aves, são diferentes em seus voos. Todas, no entanto, são iguais em seu direito de voar”

Jesica Del Carmen Perez.

RESUMO

O atual trabalho possui como objetivo examinar as evidências acessíveis na literatura sobre o cuidado e a atuação do enfermeiro frente à criança com TEA, de modo a refletir a relevância da aprendizagem dos enfermeiros sobre o autismo. O Transtorno do Espectro do Autismo, (TEA) refere-se a um transtorno de evolução que em geral compromete crianças antes dos três anos de idade, que é caracterizado por um comprometimento no crescimento da interação social, da linguagem e também da comunicação, afetando também as interações sociais e também emocionais, apresentando padrões de comportamentos específicos e restritos. Nesse contexto, os enfermeiros são capazes de desempenhar papéis importantes no que diz respeito a identificar de forma precoce os sintomas e sinais que o TEA apresenta. Para isso, foi desempenhada uma revisão integrativa de literatura com abordagem qualitativa e descritiva. O levantamento da bibliografia ocorreu durante o mês de agosto de 2021 como referência de dados LILACS e Scielo com artigos publicados entre o ano de 2012 a 2021, e foram selecionados 08 artigos, sendo que 63% (n=6) das publicações pertenciam à bases de dados Scielo e 38% (n=3) pertenciam a base de dados LILACS, os resultados da análise dos artigos selecionados permitiram verificar que o enfermeiro seja capaz de atuar junto aos pacientes com TEA, ele precisa conhecer o cliente e todas as suas características, assistindo-o diretamente nas suas necessidades específicas.

Palavras-Chave: TEA. Enfermagem. Autismo. Crianças. Enfermeiros.

ABSTRACT

This study aims to verify the evidence available in the literature on the role of nurses in caring for children with ASD, in order to reflect the relevance of nursing professionals' learning about autism. Autism Spectrum Disorder (ASD) is an evolution disorder that generally affects children before the age of three, which is characterized by an impairment in the development of social interaction, language and communication, also affecting social and emotional interactions, showing peculiar and restricted behavior patterns. In this context, nurses are able to play important roles with regard to early identification of the signs and symptoms of ASD. For this, an integrative literature review was carried out with a qualitative and descriptive approach. The bibliography survey took place during the month of August 2021 in the Scielo and LILACS databases with articles published between the year 2012 to 2021, and 08 articles were selected, with 63% (n=6) of the publications belonging to the databases. of Scielo data and 38% (n=3) belonged to the LILACS database, the results of the analysis of the selected articles allowed us to verify that the nursing professional is able to work with subjects with ASD, he needs to know the client and all its features, assisting you directly in your specific needs.

Keywords: TEA. Nursing. Autism. Kids. Nurses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma da estratégia de busca	24
Figura 2: Fluxograma da seleção de publicações	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estratégia de busca nas bases de dados LILACS e Scielo.....	22
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APS - Atenção Primária à Saúde

CID - Classificação Internacional de Doenças

DeCS - Descritores de Ciências em Saúde

LILACS - Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

NLM - *National Library of Medicine*

OMS - Organização Mundial de Saúde

SAE - Sistematização da Assistência em Enfermagem

SCIELO - *Scientific Electronic Library online*

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UBS - Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 O AUTISMO.....	16
2.2 A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E PAPEL DO ENFERMEIRO NA SAÚDE MENTAL.....	18
2.3 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E O TEA.....	20
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSÃO.....	24
5 CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O autismo, ou o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se trata de um transtorno de evolução que em geral compromete crianças antes dos três anos de idade, e tem como características condutas reiterativas e restritas, e também o comprometimento do desenvolvimento motor, psicológico e neurológico, de modo que a cognição, a linguagem, a comunicação social e a interação social da criança sejam dificultadas, conforme indicado por Pinto (2016).

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) diz que, o autismo é caracterizado por um comprometimento no desenvolvimento do contato social, da linguagem e também da comunicação, tal distúrbio afeta também as interações sociais e também emocionais, apresentando padrões de comportamentos peculiares. Assim, o desenvolvimento da criança, trata-se de uma interação entre as suas capacidades e a influência que o ambiente tem sobre essa criança. E, quando há casos em que as estimulações sensoriais e também afetivas têm por consequência o atraso do desenvolvimento tanto das suas capacidades cognitivas quando nas relações sociais e afetivas.

A etiologia do TEA é ainda desconhecida, mas, conforme Pinto (2016) existe atualmente uma tendência de considerar o mesmo como uma síndrome que envolve diversos fatores e causas, comprometendo aspectos neurológicos, sociais e genéticos da criança. Desta forma, o autismo é identificado como uma síndrome idiossincrasia com múltiplas causas, e tal distúrbio são causados principalmente pelo déficit da interação social e pela falta de habilidades de interagir socialmente. Ainda conforme Pinto (2016) estima-se que, atualmente, a prevalência mundial do TEA é quatro vezes mais frequente em meninos (PINTO, 2016).

Conforme Barbosa *et al.* (2017) os profissionais de saúde devem atuar junto as crianças, entretanto, até o momento, não existe uma abordagem que seja específica e eficaz, isso porque, a cada momento e cada indivíduo, possui necessidades de respostas diferentes. E, nessa circunstância, os enfermeiros estão habilitados a realizar papéis importantes no que diz respeito a identificar de forma precoce os sinais e sintomas do TEA, colaborando assim, para a prevenção de maiores agravos na infância.

Portanto, é de responsabilidade do enfermeiro a realização do atendimento, da avaliação e da identificação de agravos que sejam capazes de comprometer o desenvolvimento da criança. E, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) o diagnóstico do autismo é clínico e médico, ou seja, é realizado através de observações e entrevistas, com as crianças, os pais ou cuidadores. Portanto é de grande importância que o enfermeiro obtenha conhecimento necessário para identificar os sinais e sintomas do TEA obter um olhar holístico para uma melhor detecção precoce e assim realizar um cuidado adequado e humanizado possibilitando então um melhor desenvolvimento a criança.

A Enfermagem tem a capacidade de promover uma qualidade de vida melhor ao paciente, fornecendo orientações e prestando um atendimento adequado na implantação da assistência ao portador do espectro autista. Além disso, os enfermeiros precisam estar contribuindo constantemente na busca por soluções válidas que possibilitam o benefício e a qualidade de vida destes indivíduos e seus familiares (SOUZA, 2020).

Machado *et al.* (2016) aponta que, a partir da identificação precoce do diagnóstico do TEA, é possível uma intervenção mais eficaz e imediata, e isso resulta em um prognóstico melhor e mais favorável para as crianças, e por isso, quanto mais cedo for o diagnóstico da criança, maiores são as chances de desenvolvimento a partir das suas capacidades físicas e mentais, e isso aumenta as chances de inserir as crianças em diferentes âmbitos da sociedade.

Nesse sentido, Lima *et al.* (2014) aponta que, no que se refere a identificar as alterações do TEA realça que, o préstimo e a análise do crescimento e do desenvolvimento infantil no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), que deve ser realizado de forma contínua, para a promoção da saúde, para a proteção e para uma descoberta de possíveis alterações precoces. Por isso, é essencial que os enfermeiros sejam capacitados para detectar as manifestações do Autismo, de maneira que estejam aptos a prestar assistência para as crianças de forma adequada, possibilitando uma assistência de qualidade e orientando as famílias de forma humanizada e precisa.

Nascimento *et al.* (2018) ressalta que, há uma enorme deficiência de conhecimento dos profissionais em enfermagem sobre o Transtorno do Espectro Autista, e essa falta de conhecimento para com os cuidados junto a essas crianças,

faz com que o tratamento seja retardado, causando prejuízos na qualidade de vida tanto das crianças quanto de seus familiares.

Há uma grande insegurança e carência dos enfermeiros em busca do conhecimento sobre o Transtorno Espectro Autismo. É perceptível que há uma falta de insumos e diretrizes que norteiam as atenções a pessoa com autismo, todavia o enfermeiro tem a competência de estabelecer uma orientação no ambiente terapêutico, pois são eles que passam maior tempo em contato com os pacientes em comparação aos demais profissionais na área da saúde (SENA *et al.*, 2015).

Isso porque, o autismo é um transtorno de evolução que acompanha o indivíduo por toda sua vida, seus indicativos estão ligados a problemas relacionados ao desenvolvimento da linguagem, essas adversidades são relacionadas tanto às perdas de linguagens adquiridas quanto a aquisição de linguagem e relacionada às características verbais peculiares. (SENA *et al.*, 2015).

Com base no exposto, o presente estudo, tem como objetivo geral verificar as evidências acessíveis na literatura a respeito da atuação do enfermeiro no cuidado à criança com TEA, de modo a refletir a relevância da aprendizagem dos enfermeiros em relação ao autismo, e objetivos específicos: conceituar o autismo, verificar o papel da equipe disciplinar e do enfermeiro na saúde mental, e, refletir sobre a assistência de enfermagem no TEA.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O AUTISMO

Em conformidade com Falcão (2017) estima-se que em todo o mundo, existam cerca de 70.000.000,000 de pessoas com autismo, sendo que a incidência é maior em meninos que em meninas, e, ainda conforme o autor, no Brasil, existe uma certa escassez de estudos epidemiológicos que permitam estimar da melhor forma os dados sobre o autismo no país, mas acredita-se que existam no país cerca de dois milhões de indivíduos com autismo, mas, esses dados não são precisos, uma vez que cerca de 90% não tenham tal condição diagnosticada.

Conforme indicado por Sena *et al.* (2015) a primeira vez que o autismo foi apresentado, foi a partir do caso de onze crianças que eram acompanhadas pelo médico psiquiátrico Leo Kanner no ano de 1943, essas crianças, possuem características em comum que estavam relacionadas com a capacidade de interação com outras pessoas e apresentavam dificuldades de linguagem, e essas características foram denominadas por ele como autismo infantil precoce.

A partir disso, muitos pesquisadores começaram a buscar mais conhecimento sobre o transtorno abordado, Cunha (2011) aponta que, o diagnóstico do autismo envolve a observação de uma série de comportamentos que estão agrupados a partir de três aspectos principais, e são eles: o comprometimento da comunicação, as dificuldades relacionadas com a interação social e atividades restrito-repetitivas.

O conceito entre os especialistas modifica-se e amplia-se a partir das pesquisas. O autismo é estabelecido pela OMS como:

“A ocorrência desse transtorno sem cura é de em cada 10.000 nascimentos há cinco casos, e três vezes maior de se considerar casos correlato isto é que precisam do mesmo tipo de atendimento (SILVA, 2017, p. 12).”

Para a compreensão do autismo, é preciso primeiramente identificar as características dos portadores, possíveis causas e tipos de autismo para que assim, a inserção e intervenções sejam favoráveis (Anjos, 2019).

Para Anjos (2019), destaca ainda que, em geral, as características para o diagnóstico da TEA se apresentam antes mesmo dos três anos de idade, entretanto, conforme o autor, tais características podem se manifestar logo nos primeiros meses

de vida ou mesmo após de um período de desenvolvimento, que ocorre em geral depois dos primeiros 15 meses de vida.

A seguir características específicas do autismo segundo alguns pesquisadores.

A primeira característica, é o comportamento social, de acordo com Melo *et al.* (2017) o isolamento autístico: a incapacidade que a criança autista tem em desenvolver relações interpessoais nos cinco primeiros anos caracteriza-se por uma falta de reação aos outros e de interesse por eles.

Na primeira infância, essas dificuldades se manifestam pela ausência de antecipação (dar os braços para ser levada ao colo); pela ausência de contato visual (chamar a atenção) e pela ausência de resposta ao sorriso e à mímica. Conforme Santos (2013) a criança autista é indiferente aos outros, os ignora e não reage a gestos de afeto ou contato físico.

A segunda característica, são os distúrbios de comunicações verbais e não verbais. Para Martins (2012) as crianças autistas têm uma incapacidade de simbolizar ou quando a tem é de forma muito limitada. As expressões gestuais ou as mímicas são inexistentes, a criança não é capaz de atribuir um valor simbólico aos gestos.

E, a terceira característica, é a necessidade de imutabilidade, que se trata de uma resistência à mínima mudança no ambiente habitual do autista. O menor deslocamento de um móvel, ou a modificação na rotina, o que pode acabar acarretando reações explosivas na criança. Conforme, Mapelli (2018) prever quais alterações no ambiente irão desencadear tais reações são mais difíceis.

Para Lima *et al.* (2016) é difícil dizer com precisão a idade exata em que o autismo surge. Geralmente os pais percebem os distúrbios quando seu filho não atinge um determinado estágio de desenvolvimento, como a linguagem ou a socialização. E só a reconstituição dos primeiros anos de vida poderá revelar os sintomas que estavam presentes desde cedo.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) passou a constar como um diagnóstico unificado na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, a CID-11, lançada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 2022 (UNIFICA, 2022).

De acordo com a Unifica (2022) a CID 11, refere-se que os diagnósticos de autismo passam a fazer parte dos Transtornos do Espectro do Autismo, que podem ser identificados da seguinte forma: Transtorno do espectro do autismo sem

deficiência intelectual e com comprometimento leve ou ausente na linguagem funcional; Transtorno do espectro do autismo com deficiência intelectual e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional; Transtorno do espectro do autismo sem deficiência intelectual e com linguagem funcional prejudicada; Transtornos do espectro do autismo com deficiência intelectual e com linguagem funcional prejudicada; Transtorno do espectro do autismo sem deficiência intelectual e com ausência de linguagem funcional; Transtorno do espectro do autismo com deficiência intelectual e com ausência de linguagem funcional; Outro transtorno do espectro do autismo especificado e Transtornos do espectro do autismo não especificado.

De modo geral, o recente CID-11 estabeleceu critérios no diagnóstico do TEA que incluíram a remoção de outras condições como a Síndrome de Asperger e o Distúrbio Pervasivo de Desenvolvimento Sem Outra Especificação e a criação de um domínio amplo denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os critérios diagnósticos essenciais do TEA consistem em: (a) déficits persistentes na comunicação social e na interação social e (b) padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essas características estão presentes desde período precoce do desenvolvimento e provocam prejuízo significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo (ALMEIDA, 2019)

2.2 A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E PAPEL DO ENFERMEIRO NA SAÚDE MENTAL

De acordo com Barroso *et al.* (2018) por muito tempo no Brasil, o atendimento dos indivíduos com transtornos mentais foi executado a partir de moldes e de paradigmas que isolavam os pacientes da sociedade, os pacientes eram internados em manicômios em que os tratamentos eram feitos com base na assistência médica centrada.

Nesse sentido, no ano de 2001 a Lei de nº 10.216 que ficou conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira e foi um marco para os direitos das pessoas acometidas por transtornos mentais, e a partir disso, conforme indicado por MACEDO (2017) foi iniciada uma transformação na cultura e no perfil dos atendimentos psiquiátricos, o que promoveu a desconstrução da prática manicomial e inseriu

equipes multidisciplinares para a promoção da subjetividade e da autonomia dentro das limitações dos indivíduos para que pudessem exercer a sua cidadania.

Silva *et al.* (2017) aponta que, a reforma psiquiátrica contemplou a reinserção de pacientes no ambiente social e no ambiente familiar, contrastando com o modelo antigo que isolava os pacientes da sociedade. Isso fez com que nascesse o conceito de inclusão social, transformando o conhecimento e também as práticas em saúde mental, em particular aquelas que eram de comprometimento das equipes de enfermagem, e ainda conforme o autor, ao longo dos anos foram implementados métodos e técnicas terapêuticas a partir da complexidade de cada paciente, em respeito à dignidade, valorizado e promovendo o autocuidado.

Conforme Barroso *et al.* (2018) a promoção de um atendimento assistencial que seja mais completo e mais humanizado vem crescendo, a partir da reiteração da importância das equipes multidisciplinares, de modo que o paciente não seja tratado somente pela clínica, promovendo o cuidado integral de modo que os pacientes não sejam tratados apenas clinicamente, mas pela promoção do cuidado integral de modo que não seja restringido apenas ao tratamento dos sinais e dos sintomas.

Alves, Santos e Yamaguchi (2018) destacam então a importância do enfermeiro, pois, no ambiente hospitalar geral e também no ambiente hospitalar psiquiátrico, são os profissionais de enfermagem que passam o maior tempo em contato com os pacientes. Nesse sentido, vale lembrar que, a partir da dinâmica complexa dos transtornos mentais e em específico os que envolvem os transtornos globais de desenvolvimento, e com isso, houve uma tendência reducionista baseada nas atuações de médicos e de psicólogos.

Entretanto, a tal tendência vem sendo abandonada todos os dias, e vem ficando mais evidente a partir da importância das investigações em caráter multidisciplinar, de modo que haja uma melhor descrição, melhor compreensão e melhor interpretação, isso porque, conforme Castro (2017) a partir do contexto multidisciplinar, o trabalho do enfermeiro junto à assistência ao portador de transtornos mentais, exigindo uma maior sensibilidade diante dos contextos sociais e das necessidades dos pacientes e dos seus familiares.

Ainda conforme Castro (2017) o trabalho cotidiano da enfermagem, retorna para direcionar o ambiente terapêutico de modo que seja possibilitado o desenvolvimento do paciente, promovendo o autocuidado, e estabelecendo uma

relação de confiança para que os pacientes adiram as melhores assistências oferecidas.

Nesse sentido, Silva *et al.* (2017) destaca que o papel do enfermeiro da assistência psiquiátrica passa a adotar uma dinâmica mais abrangente, promovendo um ambiente seguro, confiável e intensificando as relações de confiança entre o binômio profissionais e pacientes, de modo que o enfermeiro passa a atuar na assistência em todos os aspectos dos indivíduos com o objetivo de recuperar a saúde do paciente ao mesmo tempo que promove a reinserção dos indivíduos na sociedade.

2.3 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E O TEA

De acordo com Silva *et al.* (2021) muito tem se falado sobre o Transtorno do Espectro Autista, entretanto, pouco se fala sobre a qualidade de vida e sobre a saúde mental das famílias dos portadores desse transtorno. Isso porque, a família costuma ser o primeiro ambiente em que as crianças se socializam, e destaca-se também por ser o contexto primário do cotidiano das crianças, e por isso, são necessárias adaptações constantes, especialmente na primeira infância em que ocorrem diversas mudanças.

E, em se tratando de crianças autistas, não poderia ser diferente, entretanto, é preciso uma alteração de rotina maior e ainda mais intensa, em virtude da perduração das características, pois, esses indivíduos precisam, de cuidados constantes, e isso pode ocasionar tensões e estresse constante, conforme indicado por Tabaquim (2015).

Assim sendo, Mapelli (2018) põe em evidência, o conhecimento profissional sobre o Autismo é essencial, uma vez que, a relação que é estabelecida pelo enfermeiro da UBS, pelos portadores de TEA e suas famílias é quem possibilita a assistência e o acompanhamento do diagnóstico em enfermagem.

Nesse sentido, a atuação do enfermeiro junto aos portadores de TEA e seus familiares, são realizadas por meio da implantação da Sistematização da Assistência em Enfermagem (SAE), pois, como citado por Silva *et al.* (2021) essa é a forma mais eficaz de coletar dados e de oferecer qualidade para a organização e para a prescrição dos cuidados aos portadores de TEA, facilitando assim o tratamento e assegurando uma maior vida de qualidade nos âmbitos familiares.

Assim, conforme Fernandes *et al.* (2018) o enfermeiro se destaca por ser um profissional com um papel fundamental para o cuidado do autismo infantil, e por isso devem estar sempre atentos para os sinais e para os sintomas que as crianças apresentam, e, ao identificar alguma alteração disfuncional, é importante alertar os pais o mais rápido possível, prestando a assistência de enfermagem para as famílias, dando-lhes apoio e informações sobre o TEA e orientando como proceder daí em diante.

Desse modo, em conformidade com Costa *et al.* (2017) é de competência do enfermeiro a identificação de alterações disfuncionais no exame físico da criança, acompanhando a mesma e a sua família, orientando e informando, implementando a SAE e estabelecendo diagnósticos e intervenções de enfermagem voltados para o TEA, mas sempre seguindo as orientações que são fornecidas pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo, se trata de uma revisão integrativa de literatura com abordagem qualitativa e descritiva que apresentou como questão norteadora: como ocorre a atuação do enfermeiro junto ao cuidado com as crianças portadoras do TEA? E, por não se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, com base na Resolução Conselho Nacional de Saúde nº 510 de 2016, não houve a necessidade de submetê-lo à comitê de ética.

De acordo com Ercole *et al.* (2014) uma revisão integrativa de literatura representa uma estratégia sistemática de obtenção de dados que ocorre de forma ordenada e ampla a partir de resultados relacionados partindo de uma determinada temática para que seja construído o conhecimento.

O levantamento da bibliografia ocorreu durante o mês de agosto de 2021 e como bases de informações Scielo e LILACS, e foram utilizados os descritores com combinações a começar dos operadores booleanos “AND” e “OR”: Transtorno do Espectro Autista, Criança Autista, Autista, Enfermeiro, Autistic Child, Autistic e nurse.

Os critérios usados para a seleção de amostras foram: artigos completos em português, inglês e espanhol, publicados entre o ano de 2012 a 2021, uma vez que, o ano de 2012 foi o de publicação do Caderno de Atenção Básica pelo Ministério da Saúde, e por fim, artigos que abordem a temática proposta no estudo.

A ferramenta de coleta de dados, foi elaborado a partir da recolha das informações pertinentes aos artigos que foram selecionados para a pesquisa, em que, foram organizados em forma de tabela os resultados obtidos a partir dos variáveis autores, ano da publicação, tipo do estudo e principais resultados. As estratégias de busca em ambas as bases de dados estão descritas no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Estratégia de busca nas bases de dados LILACS e Scielo

Base de Dados	Estratégia de busca	Resultados
LILACS		
1ª busca	"Cuidados de Enfermagem " OR "nursing care"	13.460
2ª busca	"Criança" OR "child"	103.208
3ª busca	"Transtorno do Espectro Autista" OR "Autistic Disorder"	1.133
4ª busca	1ª AND 2ª AND 3ª	8
SCIELO		
1ª busca	"Cuidados de enfermagem" OR "nursing care"	7.690

2ª busca	“Criança” OR “Autism”	8.520
3ª busca	“Transtorno Autístico” OR “Transtorno do Espectro Autista”	587
4ª busca	1ª AND 2ª AND 3ª	38

Fonte: Elaborado pela autora a partir das bases de dados LILACS e Scielo, 2021.

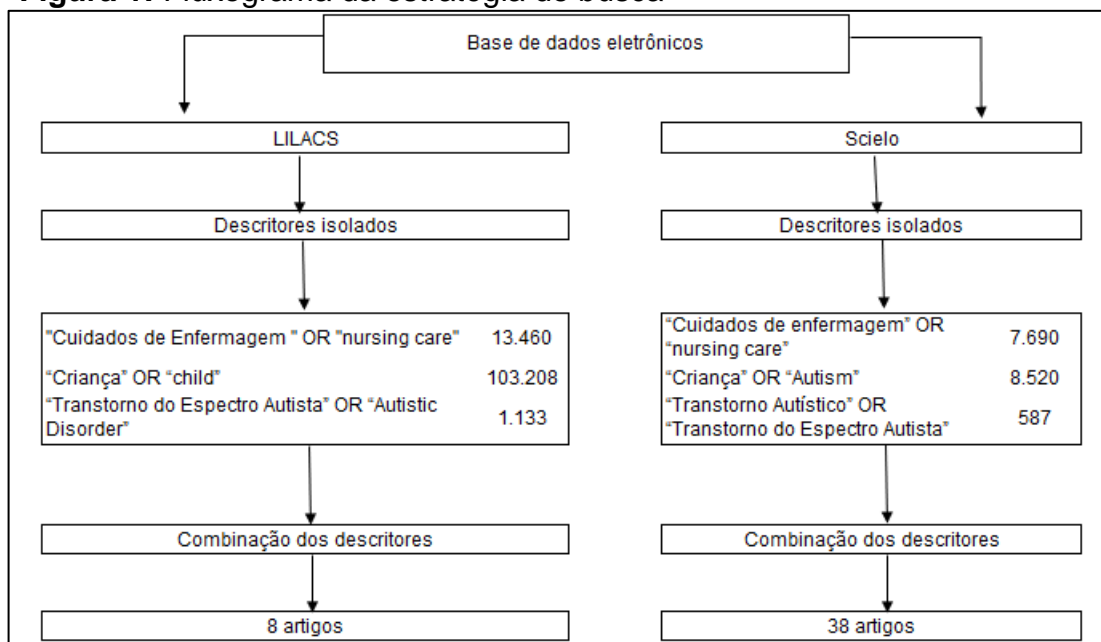
Para selecionar as publicações, foi realizada a aplicação de estratégias de busca, dos critérios de inclusão e exclusão, de modo que, os resultantes estudos, foram considerados com base nas informações de seus títulos, resumos e posteriormente foram lidos integralmente. Cada uma das publicações encontradas foi identificada com a letra “A” com base em uma ordem cronológica crescente e organizadas em um quadro conforme as seguintes informações: Autores, base de dados, título periódico, ano de publicação, objetivos e também foi apresentado um quadro contendo autores/ano, aspectos metodológicos e principais resultados.

A discussão dos resultados obtidos, foi feita de forma descritiva, onde, foram apresentadas as sínteses e contribuições dos estudos por meio da análise comparativa entre os mesmos destacando as diferenças e as semelhanças entre eles.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca, inicial na base LILACS de dados com apenas os descritores isolados 117.801 publicações, a partir da combinação dos descritores, foram encontradas apenas 8 publicações. A busca inicial na base de dados Scielo com os descritores isolados, encontrou 16.797 publicações, e a partir da combinação dos mesmos, foram encontradas 38 publicações.

Figura 1: Fluxograma da estratégia de busca

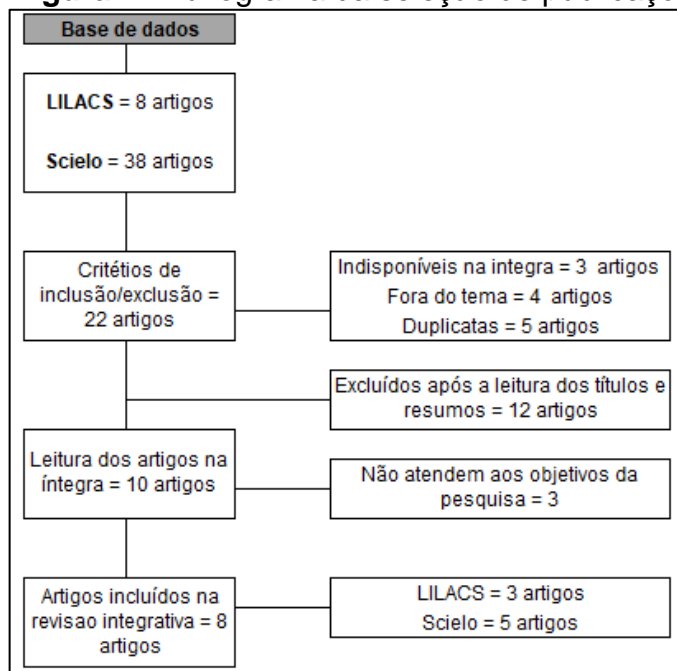


Fonte: Elaborado pela Autora, 2021.

Sendo assim, a combinação dos descritores em ambas as bases de dados, resultou em um total de 46 publicações, e a partir disso, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão. No total, após a aplicação dos critérios de inclusão/exclusão, 22 artigos foram encontrados, dos quais 3 não estavam disponíveis na íntegra, 4 não abordavam o tema proposto, e 5 eram duplicatas.

Assim, ao excluir 12 publicações, restaram o total de 10 publicações, para proceder a leitura na íntegra, dos quais 2 não atenderam aos objetivos desse estudo, e por isso, apenas 8 publicações foram incluídas nessa revisão integrativa de literatura, conforme apresentado na Figura 2 a seguir:

Figura 2: Fluxograma da seleção de publicações



Fonte: Elaborado pela Autora, 2021.

Observou-se que 63% (n=6) das publicações pertenciam à bases de dados SciELO e 38% (n=3) pertenciam a base de dados LILACS.

Verificou-se que 50% (n=4) das publicações encontradas são do ano de 2020, 25% (n=2) do ano de 2017, 13% (n=1) do ano de 2016 e 13% (n=1) do ano de 2021. Não foram encontradas publicações diferentes de mesmo autor ou mais de uma publicação em um periódico, verificou-se que apenas 25% (n=2) dos periódicos internacionais, sendo eles o Brazilian Journal of Health Review e o Research, Society and Development, o restante de 80% (n=6) eram publicações de periódicos nacionais. Além da caracterização quanto ao ano, autores, título, periódico e objetivos, as publicações foram caracterizadas quanto aos aspectos metodológicos e os principais resultados encontrados.

O estudo de Bortone e Wingester (2016) expôs como objetivo realizar a análise da capacidade técnica dos enfermeiros no atendimento e reconhecimento dos sinais do espectro autista durante as consultas de enfermagem, e para isso, foi executada uma revisão de literatura integrativa que analisou 8 artigos, 2 selecionados na SciELO e 6 na BVS, que permitiram concluir que o profissional de enfermagem é demasiado relevante no que diz respeito à abordagem e ao rastreamento dos sinais de TEA entretanto, vê-se ainda a necessidade de estimular discussões específicas sobre a

atuação desses profissionais nessas demandas, de modo que a intervenção especializada seja promovida cada vez mais precocemente.

De melo *et al.* (2017) também por intermédio de uma revisão de literatura, buscou identificar o papel dos enfermeiros junto à assistência aos pacientes com suspeita de diagnóstico de TEA, caracterizando os principais sintomas e identificando as intervenções terapêuticas usadas para o tratamento, de modo que o estudo, da mesma maneira que o de Bortone e Wingester (2016), apontou que o enfermeiro possui um papel essencial na assistência e diagnóstico desses pacientes com suspeita de TEA, pois, por serem profissionais que teoricamente devem ter uma visão holística do ser humano, é capaz de perceber mais facilmente o TEA, e o enfermeiro ainda deve atuar junto as famílias, assistindo, encorajando e promovendo o bem-estar, tanto dos portadores quanto de familiares.

A revisão de literatura realizada por Mesquita *et al.* (2017) buscou sintetizar e avaliar os conhecimentos de enfermagem a respeito do TEA, no qual identificou que as informações sobre o autismo partindo a assistência em enfermagem, possuem ainda uma visão generalista, e isso conforme os autores, se dá em decorrência de ainda não haver uma conceituação específica sobre o espectro de modo que não existe uma ideia que seja definitiva e esclarecedora sobre o assunto, e, sobretudo, não existe ainda um consenso de como os profissionais precisam atuar diante das crianças que possuem o desenvolvimento prejudicado em decorrência do TEA.

De mesmo modo, Souza *et al.* (2020) em sua revisão de literatura apresenta como objetivo de verificar a importância dos enfermeiros com a assistência das crianças com TEA, constata que, esse tema em específico, ainda não recebe a devida atenção por parte dos pesquisadores, e por isso, os estudos que tratam o tema ainda são bastante escassos, e o pouco conhecimento científico sobre o assunto demonstra uma precariedade no que se refere aos cuidados de enfermagem ao portador do autismo e a sua família.

Feifer *et al.* (2020) por sua vez, analisou a produção científica voltada para a assistência de enfermagem e multiprofissional a pessoas com TEA, de modo que, o estudo constatou uma enorme necessidade dos profissionais em buscar conhecimentos sobre o tema, de modo que possam efetivamente embasar as suas ações para a realização do diagnóstico precoce, promovendo assim uma melhora na qualidade dos cuidados, de modo que os autores verificaram a necessidade de

capacitação focada na atuação dos cuidados integrais aos pacientes com TEA e também aos seus familiares, promovendo humanização e progresso na qualidade de vida de todos.

Assim, Neves *et al.* (2020) ao buscar a identificação da relevância que o grupo de enfermagem possui para o tratamento de pessoas com TEA, por meio de uma revisão de literatura, concluíram que é competência do enfermeiro, investir na educação continuada de sua equipe sobre a promoção do cuidado e na abordagem aos pacientes com TEA, de modo que seja demonstrado que, tratar pacientes com TEA, precisa de um acolhimento efetivo e diferenciado tanto por parte das famílias quanto pelos profissionais de saúde.

Santos-Filho *et al.* (2020) também constatou em seu estudo de revisão que a atenção da enfermagem, não deve ser voltada apenas para o indivíduo autista, mas deve sobretudo, ser direcionada para as famílias, de modo a contribuir para o esclarecimento, a diminuição do medo, dos preconceitos e dos sentimentos de inferioridade diante da sociedade, de modo que é papel do enfermeiro, a orientação das famílias a como se comunicarem com as crianças, estimulando assim a interação entre ambos.

Araújo, Nascimento e Dutra (2021) mostram o papel do enfermeiro e sua importância na assistência à criança autista, de modo que foi possível verificar que a assistência diante do TEA é importante, do ponto de vista que, dentre os profissionais incluídos na assistência de saúde à criança autista, quem tem maior contato com esse paciente e quem é o primeiro é o enfermeiro.

De acordo com Neves *et al.* (2020) o TEA se refere de um distúrbio que se apresenta logo na infância nos primeiros anos de vida e compromete a imaginação, a interação social e a comunicação dos indivíduos. Nesse sentido, compreender a definição do TEA é o primeiro passo para compreender os transtornos associados e como os portadores do mesmo veem o mundo ao seu redor, como se comportam, se comunicam e como se sentem.

Para De Sousa *et al.* (2020) o Autismo é definido como uma síndrome comportamental que se inicia a partir dos 36 meses de idade, e a expressão autismo infantil, quando associado ao retardo mental, é chamado como TEA de baixo funcionamento, e quando não associado a retardo mental, é conhecido como TEA de alto funcionamento.

Feifer *et al.* (2020) em seu estudo aponta que apesar de a incidência das pessoas com TEA ter aumentado, ainda é um público que sofre com discriminação, estigma e violações dos direitos humanos. E foi com o objetivo de proporcionar a essas pessoas uma qualidade de vida adequada que a Lei nº 12.746 de 2012 foi criada, também popularmente chamada como Lei Berenice Piana, que se moveu a instituir a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

Foi a partir dessa Lei que os recursos e o conhecimento sobre o TEA aumentaram, de modo a evitar consequências mais graves de um tratamento incorreto ou mesmo tardio, consequências essas que podem estar relacionados com a piora do comportamento repetitivo ou mesmo o comportamento violento e o isolamento total.

Desse modo, a assistência em saúde, é essencial e torna de extrema importância o papel do enfermeiro, uma vez que ele deve assumir uma postura educativa no atendimento aos pacientes com TEA, contribuindo com pais e responsáveis a compreender o diagnóstico, a conhecer as práticas de estimulação cognitivas e motoras, auxiliando assim no diagnóstico precoce da criança (FEIFER *et al.*, 2020).

Para De Melo *et al.* (2017) é de grande relevância que a equipe de saúde seja capaz, inclusive o enfermeiro, de apontar e atentar-se aos sinais do TEA, isso porque na maioria das vezes, o profissional de enfermagem é o primeiro acesso da família no serviço de saúde.

Desse modo, verifica-se que o papel do enfermeiro junto aos indivíduos com autismo nos serviços de saúde é manter-se atento aos sinais e aos sintomas que a criança apresenta, de forma a prestar a assistência de maneira precoce, dando apoio à família, transmitindo a segurança que precisam e a tranquilidade, de forma a garantir o bem-estar da criança e esclarecer as dúvidas e incentivar o tratamento e o acompanhamento da criança com autismo.

Todavia, é considerável ressaltar que o tratamento à criança com TEA deve estar associado com terapia medicamentosa para aliviar os sintomas, com terapias educacionais e abranger toda a família. Nesse contexto, Santos-Filho *et al.* (2020) aponta que o acolhimento tanto às crianças com TEA, quanto de seus familiares, deve se constituir a partir do trabalho de uma equipe multidisciplinar.

De Melo *et al.* (2017) também reforça a necessidade de um tratamento multidisciplinar para as crianças autistas, e nesse contexto, o autor destaca o diagnóstico precoce, as terapias comportamentais, familiares e educacionais, onde tais atividades devem ser capazes de reduzir os sintomas e o fornecimento de bases para o desenvolvimento do aprendizado, de modo que a equipe multidisciplinar é composta por profissionais como terapeutas, pediatras, psicólogo, neurologistas, fonoaudiólogos psiquiatras, e enfermeiros.

Bortone e Wingester (2016) complementa ainda que o tratamento da criança autista, deve ser focado na interdisciplinaridade, de modo que a subjetividade do enfermeiro seja capaz de enriquecer a integralidade, de modo que sejam atendidas a todas as alterações que sejam capazes de intervir diretamente no crescimento e no desenvolvimento infantil.

Feifer *et al.* (2020) aponta ainda que, não se deve afirmar que o portador de TEA seja considerado um indivíduo que não tenha sua capacidade de interação social, mas sim como um indivíduo que possui um mundo próprio, ou seja, um mundo desconhecido para os demais.

Nesse sentido, é tão importante que os profissionais envolvidos no tratamento e acompanhamento compreenda a realidade dos pais e familiares que convivem com a criança autista, uma vez que elas possuem dificuldades de interagir em sociedade, tornando muitas vezes as pessoas em volta como submissos ao TEA, de modo que a estrutura familiar pode ser seriamente prejudicada.

Desse modo, Feifer *et al.* (2020) completa que os profissionais dedicados ao acompanhamento das famílias precisam conhecer sobre os diversos comportamentos das crianças com TEA, de modo que seja possível a realização de intervenções pontuais, tanto para os portadores quanto para as famílias, proporcionando para todos uma melhor qualidade de vida.

Entretanto, De Sousa *et al.* (2020) aponta que muitos profissionais de saúde apresentam dificuldades para desenvolver um plano de cuidados que seja adequado e específico para os familiares da criança autista, uma vez que, isso só é possível quando o cotidiano das famílias é conhecido, e o enfermeiro pode realizar a assistência de enfermagem voltando-se de forma exclusiva para as necessidades tanto das famílias quanto das crianças.

Conforme Neves *et al.* (2020) a participação do enfermeiro é muito importante na orientação das famílias e na atuação junto ao paciente com TEA, e por isso, a sua assistência deve ser focada no atendimento de qualidade, uma vez que, o cuidar da pessoa com TEA é um enorme desafio para os profissionais de saúde, sobretudo para os enfermeiros, uma vez que estes possuem uma função essencial tanto para o atendimento quanto para a educação em saúde, objetivando a melhoria da qualidade de vida.

Sendo assim, Santos-Filho *et al.* (2020) aponta que dentre as atribuições da equipe de enfermagem com as famílias e os indivíduos autistas, estão incluídas a escuta qualificada para que seja possível dar orientações e soluções, e é por meio da consulta de enfermagem, do acolhimento e da coleta de dados que o enfermeiro é capaz de realizar tais ações.

Assim, o enfermeiro é o profissional que servirá como mediador entre as famílias e os outros profissionais na área da saúde, ele deve encaminhá-los para a equipe multiprofissional, de modo a conseguir a melhor assistência possível, formando assim um vínculo de confiança entre profissionais, indivíduo autista e familiares.

Por isso De Araújo *et al.* (2021) aponta que para que a atuação do enfermeiro seja assertiva junto aos portadores de TEA, é essencial que ele tenha conhecimentos teóricos científicos que sejam suficientes para uma identificação precoce dos sinais e evidências do autismo. Os conhecimentos de enfermagem são essenciais para a avaliação clínica e para a assistência à família e ao cuidado do indivíduo autista, orientando e prestando cuidados referentes ao acompanhamento e ao tratamento especializado, pelo fato do enfermeiro ser o profissional que acompanha por períodos maiores esses pacientes.

Nesse ponto de vista, os profissionais de enfermagem são capazes de colaborar positivamente para diagnosticar e acompanhar os indivíduos com TEA, e conforme Mesquita *et al.* (2017) isso deve ocorrer por meio de observação do comportamento das crianças, analisando o crescimento e o desenvolvimento e atuando junto à educação em saúde dos pais sobre os desafios e os procedimentos relacionados aos processos de cuidar.

A observação dos artigos selecionados nesta revisão, permitiu verificar ainda que existe na literatura uma necessidade visível e urgente de proporcionar um preparo melhor da enfermagem para que correspondam melhor a assistência aos

clientes portadores do TEA, e nos estudos, foi pontuada ainda a deficiência que existe relacionada com o despreparo e a falta de conhecimentos específicos dos enfermeiros para a assistência de crianças autistas, e isso pode resultar em prejuízos para a assistência tanto às crianças autistas quanto às suas famílias.

Verifica-se assim que é de sumo valor que a equipe de enfermagem seja capaz de se apropriar dos conhecimentos relacionados ao reconhecimento das características, comportamentos e atitudes de uma pessoa com TEA, a partir da leitura e análise dos artigos selecionados, foi possível verificar que não existe na literatura um consenso sobre um tratamento específico e eficaz para o trabalho com autistas, uma vez que cada situação faz com que os profissionais estejam qualificados a criar meios para lidar com as mesmas.

5 CONCLUSÃO

O autismo é caracterizado por um comprometimento no desenvolvimento do contato social, da linguagem e da comunicação tal distúrbio, afeta também as interações sociais e emocionais, apresentando padrões de comportamentos específicos.

Nesse contexto, a presente revisão, buscou verificar as evidências disponíveis na literatura sobre a atuação do enfermeiro na assistência à criança com TEA, de modo a refletir a relevância da aprendizagem destes profissionais sobre o autismo.

Visto que a busca dos artigos foi realizada a partir do ano de 2012 que data da publicação do Caderno de Atenção Básica pelo Ministério da Saúde, percebeu-se que nesses últimos 9 anos foram produzidos no Brasil poucos artigos relacionados com a assistência de enfermagem a crianças autistas, o que dá ênfase a necessidade de mais artigos abordando essa temática.

Trata-se então de uma realidade científica que reflete a escassez de conhecimentos e de preparação dos profissionais da saúde sobre o TEA, o que pode resultar em prejuízos para os portadores de autismo e para as suas famílias.

As limitações do estudo, referem-se principalmente à amostra, uma vez que foram incluídos apenas os artigos disponíveis online e de forma gratuita, e dada a escassez, percebeu-se que é preciso novos estudos que sejam capazes de ampliar e desenvolver o olhar clínico da enfermagem e da sua assistência voltada para o TEA.

Em tese, verificou-se que o papel dos profissionais de enfermagem para as famílias e para as pessoas com TEA, é fundamental para em relação a promover a qualidade de vida mediante aos transtornos e as dificuldades que são vivenciadas pelos indivíduos e suas famílias, e por isso, os profissionais de enfermagem precisam sempre estar atentos aos sintomas e aos sinais do TEA, proporcionando um melhor acolhimento e um atendimento humanizado, que transmita tranquilidade e segurança a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Sidnei Roberto; SANTOS, Reginaldo Passoni; YAMAGUCHI, Mirian Ueda. Enfermagem em Serviços de Saúde Mental: Percepção Sobre Satisfação Profissional e Condições de Trabalho. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, V. 8, 2018.

ANJOS, Maria de Fátima Silva dos. **Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista**. Orientador: Michelle Cristina Guerreiro dos Reis. 2019. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019.

ARAUJO, Cássio Monteiro; NASCIMENTO, Joabes de Souza; DUTRA, Wanderson Lima. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2021.

BARBOSA, P. A.S.; NUNES, C. R. Relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. *Revista Científica Interdisciplinar*, São Carlos, v. 2, n. 2, dez. 2017.

BARROSO, Caroline Oliveira Nascimento; RODRIGUES, Ellen Mesquita; HANZELMANN, Renata da Silva; CARVALHO, Caroline Moraes Soares Motta de; MARTINS, Jaqueline Santos de Andrade; SANTOS, Livia Fajin de Mello dos. A inserção do enfermeiro na equipe multiprofissional do centro de atenção psicossocial. **Ciência Atual**, Rio de Janeiro, v. 11, n 1, 2018.

BORTONE, Alexandra Rezende Teixeira; WINGESTER, Edna Lucia Campos. Identificação do espectro do transtorno autista durante o Crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. **SYNTHESIS| Revistal Digital FAPAM**, v. 7, n. 1, p. 131-148, 2016.

BOSA, Cleonice; Callias, Maria. Autismo: uma breve revisão de diferentes abordagens. **Psicologia. Reflexo. Crit.** vol.13 n.1 Porto Alegre, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, disponível em <<http://bvsms.saude.gov.br/component/content/article?id=3128>>. Acesso em 08 de abril de 2021.

BRASIL, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2016.

CASTRO, Tatiane Marques de. **Atuação do enfermeiro na saúde mental em estratégia de saúde da família: ação educativa para qualificar a atenção**. 2017. 70f. Dissertação (mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre, RS. 2017.

COSTA, L. E.; ABREU, F. P.; SOUSA, C. B. C.; CORDEIRO, J. M. S.; AGUIAR, A. S. **C. Assistência de Enfermagem a Criança com Transtorno do Espectro Autista: ESTUDO DE CASO.** REVISTA JOIN BR, 2017.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicologia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.

DE MELO, Camila Alves et al. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, v. 2, n. 2, 2017.

DE SOUZA, Abraão Pantoja et al. Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 2874-2886, 2020.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão Integrativa Versus Revisão Sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

FALCÃO, Carla Samya Nogueira. **Envolvimento de crianças autistas em bullying de acordo com elas próprias, pais e professores de educação física.** Dissertação (Dissertação em Saúde Coletiva) – UECE. Fortaleza – Ce, p. 40. 2017

FEIFER, Gabrielle Palma et al. CUIDADOS DE ENFERMAGEM A PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO DE LITERATURA. **REVISTA UNINGÁ**, v. 57, n. 3, p. 60-70, 2020.

FERNANDES, Anna Flávia Figueiredo; GALLETE, Kauany Gonçalves da C.; GARCIA, Claudia Denise. A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 33, n. 65, p. 33-44, 2018.

LIMA, Fernanda de et al. **Análise do instrumento perfil psicoeducacional revisado (PEP-R) para avaliação de crianças com autismo.** 2016.

LIMA, Rossano Cabral et al. Indicadores sobre o cuidado a crianças e adolescentes com autismo na rede de CAPSi da região metropolitana do Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 715-739, 2014.

MACEDO, João Paulo et al. A regionalização da saúde mental e os novos desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. **Saúde e sociedade**, v. 26, p. 155-170, 2017.

MACHADO, Fernanda Prada et al. Respostas parentais aos sinais clássicos de autismo em dois instrumentos de rastreamento. **Audiology-Communication Research**, v. 21, 2016.

MAPELLI, Lina Domenica et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, 2018.

MARTINS, Cláudia Paiva. **Face a face com o Autismo: será a Inclusão um mito ou uma realidade?** 2012. Tese de Doutorado.

MELO, Camila Alves et al. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, v. 2, n. 2, 2017.

MENDONÇA, Fernanda Rodrigues et al. **A percepção dos trabalhadores da Eletrosul em relação ao transtorno do espectro autista dentro do programa de atendimento à pessoa com deficiência**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220334>. Acessado em 14 nov. 2021.

MESQUITA, Égila Thalia da Silva et al. A assistência de enfermagem prestada à criança autista. **Saúde em Foco: Temas Contemporâneos**, Volume 1, p.16-22, 2017.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira et al. Transtorno do espectro autista: Detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

NEVES, Keila do Carmo et al. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e941986742-e941986742, 2020.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al . Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre , v. 37, n. 3, e61572, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000300413&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 de Abril de 2021.

SANTOS, Neide Pereira. **O desenvolvimento intelectual da criança com autismo e o método TEACCH**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Método de São Paulo, 2013.

SANTOS-FILHO, Marcelo Cerilo dos et al. A Importância do Profissional Enfermeiro no Diagnóstico do Autismo: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 6, n. 2, p. 235-245, 2020.

SENA, Romeika Carla Ferreira et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva 2012.

SILVA, Dilvane Fátima Da. Autismo na educação infantil. **Pedagogia-Unisul Virtual**, 2017.

SILVA, Mayara Santos et al. A enfermagem no campo da saúde mental: uma breve discussão teórica. **Revista Amazônia Science & Health**, v. 5, n. 2, p. 40-46, 2017.

SILVA, Samira Hellen Greco Mendes et al. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. **Scire Salutis**, v. 11, n. 1, p. 36-45, 2021.

TABAQUIM, M. de L. M. et al. **Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista.** Rev. psicopedag., São Paulo, v. 32, n. 99, p. 285-292, 2015.

UNIFICA. Transtorno do Espectro do Autismo no código 6A02. Tismoo, 2022. Disponível em: <<https://tismoo.us/destaques/cid-11-unifica-transtorno-do-espectro-do-autismo-no-codigo-6a02/>>.